



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

TRILHA COM O NEABI: UM INTERCÂMBIO DE SABERES E CONHECIMENTOS ENTRE O NEABI IFCE BATURITÉ E AS COMUNIDADES E POVOS TRADICIONAIS DO MACIÇO DE BATURITÉ

Antônia Beatriz Silva Lourenço¹

Vlândia da Silva Souza²

Annalies Barbosa Borges³

Tatiana Santos da Paz⁴

Glaucilene Lima Maia Pinheiro⁵

RESUMO

O projeto na trilha com o NEABI é uma semente plantada no Maciço de Baturité, que busca resguardar os saberes e costumes das comunidades tradicionais. Tem como elemento impulsionador as dificuldades que existem de registrar e guardar os saberes e conhecimentos dos mais velhos. O projeto surgiu com a necessidade de unir o IFCE *campus* Baturité e a comunidade externa, ressaltando a importância de as comunidades tradicionais estarem presentes nos diálogos dentro dos saberes acadêmicos para a construção de uma educação diferenciada. Entendemos a importância de visibilizar produções artísticas culturais e trabalhar a aplicação das leis nas ações aqui previstas, tendo em vista a promoção de ações afirmativas sobre Africanidade, Cultura Negra e História do Negro no Brasil (Lei nº 10.639/2003), o diálogo com as questões indígenas, respaldado na Lei nº 11.645/2008 e a aplicação das diretrizes curriculares que normatizam a inclusão das temáticas nas áreas do ensino, pesquisa e extensão. O caminho a ser construído nos leva a visitar as comunidades, conhecer as dificuldades presentes no local, além de construir um diálogo com os mestres dos saberes, as juventudes, as rezadeiras, os grupos de danças e os fazedores de cultura e arte das comunidades contempladas no projeto. Posteriormente, a caminhada continua para a coleta de histórias e ensinamentos que essas pessoas tendem a repassar. Além de proporcionar a aproximação entre as comunidades e o instituto, o projeto possibilita ser um espaço de registro de memória por meio da construção de um produto final nos formatos de podcast, exposições fotográficas e apresentações artísticas de grupos das comunidades no IFCE. Buscamos, com essa pesquisa, trazer a cultura, identidade, saberes, memórias e as mais importantes linguagens artísticas trabalhadas pelas comunidades tradicionais para o meio acadêmico. Acreditamos que essa semente será uma grande árvore plantada no Maciço de Baturité e terá muitos frutos.

Palavras-chave: Saberes; Cultura; Fortalecimento; Integração.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das ações do projeto “NA TRILHA COM O NEABI: um intercâmbio de saberes e conhecimentos entre o NEABI IFCE Baturité e as comunidades e

¹ Antônia Beatriz Silva Lourenço - Graduando do Curso de tecnólogo em Hotelaria do Instituto Federal de Educação, Ciências, Tecnologia do Ceará, *Campus Baturité*; lourenco.antonio09@aluno.ifce.edu.br

² Vládia da Silva Souza - Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; vladia.souza@ifce.edu.br

³ Annalies Barbosa Borges - Mestre em Artes pelo mestrado profissional em artes do Instituto Federal de Educação, Ciência, Tecnologia do Ceará, *Campus Fortaleza*; annaliesprof@ifce.edu.br

⁴ Tatiana Santos da Paz - Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC; tatiana.paz@ifce.edu.br

⁵ Glaucilene Lima Maia Pinheiro - Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior - POLEDUC UFC; lenemaia@ifce.edu.br



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

povos tradicionais do Maciço de Baturité" que consiste em uma ação de pesquisa e extensão com o objetivo de auxiliar os processos de difusão de conhecimentos, fazeres e saberes das comunidades e povos tradicionais da região do Maciço de Baturité, no Ceará. Para tanto, o projeto busca promover um intercâmbio entre os integrantes da comunidade interna e externa do IFCE Baturité, com enfoque na promoção da equidade racial e dos Direitos Humanos, tendo como perspectiva a superação do racismo e outras formas de discriminações.

No Brasil, historicamente, os povos tradicionais vêm sofrendo discriminação, racismo, preconceito e as mais variadas violências. Segundo uma matéria publicada pelo Senado Federal em 2020, intitulada “Racismo em pauta”, o “racismo estrutural mantém negros e indígenas à margem da sociedade”. Esse estudo mostra que indígenas são os que mais sofrem racismo, chegando a 47% da população, enquanto negros chegam a 29%. Esse é um número significativamente grande, mesmo diante da existência de leis de combate ao racismo. Os reflexos da colonialidade contribuem para a manutenção de uma estrutura que menospreza os saberes e ancestralidades dos povos e comunidades tradicionais. O projeto colonizador europeu suprimiu os saberes ancestrais e tentou apagar essas histórias e memórias.

Dessa forma, manter e preservar toda essa ancestralidade é, em si, um movimento de resistência e descolonização⁶. Sabemos que os troncos velhos um dia vão se encantar, levando consigo todos os seus saberes, por isso trabalhamos juntamente com a comunidade para que essas histórias sejam guardadas, repassadas e não esquecidas.

Trazer as comunidades para dentro da universidade interliga o saber popular com o saber científico, além de proporcionar uma visão, aos estudantes, de como as comunidades estão organizadas, suas lutas e conquistas, a busca pela identidade, reconhecimento e a luta por seu território, destacando as dificuldades ainda presentes, tais como perseguições vivenciadas por posseiros. A mescla entre os conhecimentos ancestrais e a ciência no chão da academia gera um espaço de reflexão, pois as comunidades trazem questões que não são debatidas dentro das salas de aulas ou dentro das instituições, e se cria uma corrente de trocas e construção de saberes.

Deste modo, o presente estudo contribui para a difusão das leis 10.639/03 e 11.645/08, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino fundamental e médio. Destacamos a importância dessas leis, ao mesmo tempo em que

⁶Conceito segundo o dicionário brasileiro da língua portuguesa, editora melhoramentos, 2023. 1. Ato ou efeito de descolonizar. 2. Processo de libertação nacional, raramente obtida por meio de negociação pacífica, ao longo do qual um país que anteriormente era uma colônia adquire independência política, econômica e cultural.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

percebemos uma necessidade de fiscalização dos órgãos que supervisionam as instituições de ensino, para que se faça valer o determinado no referido instrumento legal. Assim, evita-se que haja uma negligência da historicidade afro-brasileira e indígena no ambiente escolar.

Ao contribuir para a união dos saberes ancestrais ao conhecimento científico, buscamos mostrar os diferentes modos em que as comunidades tradicionais vivem, atentando para a realidade de que não há um saber unificado, mas sim uma variedade de saberes e culturas que se diferenciam de povo para povo. Assim, contribuímos para a construção de um conhecimento decolonial e concebemos uma visão de mundo para além dos padrões e modo de vida europeu.

METODOLOGIA

O projeto “Na Trilha com o Neabi”, ainda em andamento, tem como área de abrangência a Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e a Comunidade Indígena do Povo Kanindé, ambas localizadas na Região do Maciço de Baturité.

As fases de ação desse estudo abrangeram principalmente a ida a essas comunidades para conhecer e conversar com as representatividades locais sobre saberes medicinais, cultura, vivências diárias, artesanatos, entre outros.

Ao conversar com as representatividades locais, escolhemos um modelo de entrevistas não estruturadas, uma vez que optamos por conhecer as historicidades locais e fazer os questionamentos que surgiram a partir de nossas ações e vivências nas comunidades. Durante esses momentos, as conversas foram gravadas com a devida permissão dos entrevistados.

Até esse momento, devido à logística de acesso a essas localidades, a comunidade Serra do Evaristo foi a mais ouvida. Conversamos com a mestre dos saberes das plantas medicinais, observamos os preparativos das comunidades para as festividades de comemoração do mês da Consciência Negra, ouvimos lideranças de arte, cultura e artesanato.

Com relação ao Povo Kanindé, até agora, conseguimos ouvir o grupo Toré puxado, mas aguardamos, em momentos futuros, maiores vivências com a comunidade. Até o momento, realizamos quatro visitas à Serra do Evaristo e uma à Comunidade Indígena do Povo Kanindé.

A próxima fase terá início no primeiro semestre de 2024 com a vinda dessas comunidades para o IFCE a fim de partilhar seus saberes e, dessa forma, consolidar um intercâmbio de conhecimentos, conforme presume o projeto. Todo o material coletado durante as visitas também será apresentado neste momento.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Da coleta desses dados, está em processo de finalização a confecção de um podcast que dará voz e visibilidade ao cotidiano da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, mostrando os saberes medicinais, artísticos e culturais da comunidade. Além do podcast, está em construção um portfólio gráfico, produzido através da ferramenta CANVA, e uma exposição fotográfica que ficará à mostra no IFCE-Baturité, contemplando também toda a historicidade da comunidade indígena do Povo Kanindé. A exposição das fotos e portfólios acontecerá no momento de confluência do projeto e trará informações e ilustrações sobre todo seu desenvolvimento e as experiências imersivas realizadas durante as visitas às comunidades.

Os podcasts simbolizarão um espaço de diálogo e fala dos integrantes do projeto com os representantes das comunidades visitadas, de forma a difundir, através das plataformas digitais, seus saberes, culturas e conhecimentos. Esperamos que esse produto fique como um material para a interação e integração a ser disponibilizado para o público.

Neste estudo, optamos por não revelar os nomes das representatividades locais entrevistadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Piletti (2004, p. 99), “muitas vezes os alunos residem num bairro, numa vila, num município, e não conhecem o local ou região. As saídas da escola para estudo têm por principal objetivo levar os alunos a conhecerem e se familiarizarem com o local em que vivem”. O autor mostra esse laço, que deve existir, e a importância de os estudantes saberem e sentirem o território com que convivem.

Quando falamos em sentir e vivenciar as energias e histórias do território do local, estamos querendo proporcionar aos estudantes, uma história que não é trabalhada nos livros didáticos. Acredita-se que o contato de alunos com os povos originários seja muito pouco, nos diálogos presentes na sociedade. Ter esse contato com as comunidades tradicionais faz com que os estudantes valorizem e respeitem a cultura e identidade desses povos.

O presente projeto de extensão, portanto, coaduna com os estudos de Nilma Lino Gomes que salienta a importância de os espaços educacionais serem território de debate sobre a diversidade epistemológica do mundo, atuando como articuladores da teoria e da prática, articulando conhecimento científico e os outros conhecimentos produzidos pelos sujeitos sociais em suas realidades sociais (GOMES, 2012). A autora salienta a importância dos estudantes dialogarem sobre as comunidades tradicionais e a importância de preservação da cultura. A escola, nesse contexto, torna-se um espaço de construção coletiva e pensativa



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

diante dos discursos de ódio implantados dentro dos convívios familiares. Sabemos que estudantes vindos de escolas particulares, normalmente, não tiveram contato com a cultura das comunidades tradicionais, e os projetos de extensão ajudam na amplificação dos conhecimentos culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossa primeira visita à Serra do Evaristo, conversamos com o coordenador da Associação Comunidade Kolping Quilombola Serra do Evaristo, do Quilombo Serra do Evaristo, que nos mostrou o dia a dia da comunidade. Fomos à Farmácia Viva, local onde as mulheres se reúnem, trabalham e dão aula sobre os saberes da medicina tradicional. Também fomos à Oca, um espaço de reunião e acolhimento, onde o grupo de Tambores se reúne para cantar e reafirmar junto às novas gerações toda cultura e ancestralidade Quilombola.

Politicamente, a comunidade está organizada em: Associação Comunidade Kolping Quilombola Serra do Evaristo, Departamento da Juventude, Departamento da Memória, Grupo de Mulheres (medicina, dança de São Gonçalo) e Grupo de Tambores. Estes dois últimos têm a missão de manter e repassar os saberes ancestrais.

Em um segundo momento de visitas à Serra do Evaristo, realizamos uma conversa com a mestra, guardiã da memória e conservadora das plantas medicinais. Em sua fala, ela contou sua trajetória de vida, os ensinamentos e a história do seu povo que, por muito tempo, foram apagados.

A partir da história da mestra dos saberes medicinais, percebemos o quanto é significativo ter um material sobre suas vivências, ensinamentos da natureza e saber das plantas medicinais. Neste ínterim, a criação do podcast se configura como um instrumento de valorização e uma forma de guardar esse saber.

A mestra dos saberes das plantas medicinais nos contou sobre a produção de lambedores, argila, mel, gelol caseiro, entre outros. Segundo ela, todo esse conhecimento foi herdado de sua mãe. Conforme ela relatou, como a comunidade fica longe da Sede de Baturité, a alternativa mais viável era o uso das plantas medicinais para atender a população local.

Ela também coordena um grupo de cinco mulheres, com o objetivo de repassar seus saberes sobre os tipos de plantas, bem como fazer e usar um lambedor e manter a Farmácia



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Viva. Relatou ainda que muitas pessoas vão até a comunidade em busca dos remédios caseiros e que, durante a pandemia, houve uma grande demanda.

As plantas medicinais sempre estiveram presentes na vida da mestra dos saberes das plantas medicinais. Segundo ela, sua mãe, só em um olhar, detectava a doença e já trabalhava na cura da pessoa. Relatou ainda que, tanto ela como a mãe, adquiriram esse conhecimento sobre as plantas das primeiras gerações a habitarem a comunidade.

Em sua residência, encontramos plantas como: babosa, capim santo, arruda, boldo da folha pequena, cidreira, pião roxo, alfavaca, eucalipto, hortelã, malvarisco e mastruz. Em sua jornada de vida, ela expôs que viajou para Paraíba, onde se reuniu com mestres que têm o conhecimento das plantas medicinais, e teve uma grande experiência com formações sobre esse saber ancestral. Dessa viagem, trouxe consigo outras plantas que ainda não havia em sua comunidade como: dipirona, anador, tanchagem e altermizio, alcante. Todas elas se adaptaram ao clima da região.

Em seus relatos, a mestra dos saberes das plantas medicinais destacou ainda as dificuldades que chegam até a comunidade: o preconceito e a negação da cultura por moradores locais mais recentes; o fato de a escola ainda não dispor de professores da própria comunidade; a ausência de uma escola de ensino médio. Segundo ela, superar esses desafios é fundamental para manter a cultura viva. Além disso, ter uma escola da comunidade, formada por professores e professoras quilombolas, é uma ferramenta essencial na valorização dos saberes tradicionais, para continuar na luta e resistência para melhorias do seu povo.

Além dos saberes das plantas medicinais, ela também é responsável pela Dança de São Gonçalo, uma performance artístico-cultural que teve origem na comunidade como o pagamento de uma promessa feita para amenizar os efeitos de uma seca local.

A Dança de São Gonçalo tem uma historicidade importante, pois, desde sua origem, tradicionalmente, a população tem feito promessas como forma de se proteger dos flagelos sociais da seca e, como forma de pagamento, realiza-se a Dança de São Gonçalo, exatamente no local onde a promessa foi feita, seja ela em casa, nos rios ou açudes. Segundo a mestra dos saberes medicinais, a comunidade tem uma grande devoção e sempre é convidada a participar dos ritos de pagamento da promessa junto ao devedor. Na época da festa da Padroeira Santa Luzia, a comunidade se reúne e prepara as novenas, de forma sempre muito animada.

Na Serra do Evaristo, a religião também é importante. Notamos uma maioria Cristã de base católica, e um menor grupo de base evangélica. Segundo relatos, há um pequeno grupo que participa da umbanda, muito embora não haja terreiros na comunidade.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Outra comunidade contemplada pelo projeto “Na trilha com o Neabi” é a comunidade indígena do Povo Kanindé, localizada no município de Aratuba, também situada na Região do Maciço de Baturité. Em uma das ações do projeto, fomos até a comunidade para conhecer o grupo Toré puxado, que é um coletivo de jovens que trabalham a musicalidade, espiritualidade e identidade do seu povo.

O grupo de Toré puxado se reúne, na maioria das vezes, aos finais de semanas, com o objetivo principal de trabalhar os cantos entoados no toré, repassar como se toca a maraca e o tambor, buscando, também, trabalhar a espiritualidade e as sensações presenciadas durante o ritual.

Quando falamos em resgatar e guardar, o foco desse projeto é no resgate das músicas, ou seja, na necessidade de mapeamento dos cantos que a aldeia do Povo Kanindé produziu durante sua caminhada. Esses cantos são antigos e são de autoria de gerações passadas, sendo assim, em muitos casos, são deixados esquecidos na memória das gerações antigas, fazendo com que as novas não tenham um contato tão direto com as músicas. Nesse sentido, não iremos resgatar somente a música, mas a espiritualidade e significado presentes nelas.

Durante as conversas com o grupo, veio o seguinte questionamento: O que é o toré? Para os praticantes desta ação, o toré é um ritual sagrado de purificação, agradecimento e proteção para os povos indígenas. Durante a prática, são entoados cantos que remetem à natureza, à luta, ao sol, à lua e ao Pai Tupã que, para os povos originários, é dele que vem a força pela luta e defesa dos territórios indígenas.

Ao questionarmos as dificuldades enfrentadas pelo grupo, foi-nos relatado que o maior obstáculo é catalogar e resguardar as músicas produzidas pelo povo Kanindé. Como estratégia, o grupo vem tentando elaborar uma cartilha com seus cantos, trazendo o significado que cada música tem a repassar e a sensibilidade e espiritualidade que a ela invoca em cada ser.

Outro questionamento feito aos integrantes do grupo Toré puxado foi sobre o sentimento que cada membro tem ao participar do ritual. Destacamos a seguinte fala, retirada do depoimento de um dos integrantes:

Mas o toré pra mim é um momento em que se reunimos para de certa forma se purificar e afastar de energias ruins, onde cantamos para demonstrar sentimentos e nos descarregar espiritualmente, é um ritual onde me sinto livre, sinto bastantes sensações no toré, mas principalmente de arrepios e das energias em que se voltam pro toré com a dos encantados e da encantaria presente no nosso povo, é um momento em que me sinto bem e onde posso cantar seja para acalmar ou ajudar o



próximo ao puxar músicas”, o outro integrante fala que “ Quando eu penso no toré, eu penso em algo que convivi deste de sempre, deste que eu me entendo por gente, o toré para mim sempre foi um momento de diversão de liberdade de esta bem comigo mesmo, quando eu estou no toré, quando estou dançando o toré, me sinto bem, me sinto leve como se nada pudesse atrapalhar no meu mundo e só eu em contato com meus encantados, parece ser algo muito diatópico, parece que eu me desconecto até dos próprio que estão no toré, mas você está em coletivo, você esta em um ritual, ele e um coletivo, tem varias pessoas, mas ao mesmo tempo você sente desconectado do mundo, só você sentindo suas energias, energias dos encantados e da natureza, tudo em volta e desaparece o que você sente e apenas aquela conexão em ser você mesmo. (informação verbal⁷)

Os relatos ouvidos fazem perceber a importância que o ritual tem para a comunidade indígena do povo Kanindé e o que os indígenas sentem ao cantar e dançar o ritual: a forte ligação com a natureza e os encantados. Tal fato nos mostra o quanto é importante a preservação e a luta por seu território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse percurso, podemos perceber a importância que as comunidades tradicionais têm a oferecer e que temos verdadeiros mestres e professores formados nos saberes ancestrais e das matas.

Ao buscar compreender a historicidades e espiritualidade das comunidades tradicionais, tentando superar preconceitos e racismos que esses povos enfrentam, o IFCE Baturité, através do “Na trilha com o Neabi”, deu um passo à frente, promovendo uma troca de saberes e partilhando as dificuldades presentes nessas comunidades. Ao participar desse projeto, cada professor e docente envolvido tornou-se um aluno dos mestres dos saberes e conhecimentos ancestrais desses povos tradicionais.

Ao percorrer dessa caminhada, compreendemos que as plantas medicinais estão sendo repassadas pelos povos tradicionais e que, trazendo esse público para dentro da universidade, os estudantes terão uma oportunidade de conhecer, valorizar, respeitar e ter uma maior proximidade com a identidade e os saberes que vêm da mata. As lutas dos povos originários e tradicionais são para o respeito à natureza e à defesa de seus territórios, valores e costumes.

Diante disso, compreendemos a importância de unir o conhecimento científico com o saber dos povos originários e tradicionais, afinal a própria ciência já admite que os saberes medicinais desses povos muito têm contribuído para a medicina comercial.

⁷ Informação verbal retirada da entrevista não estruturada aplicada aos membros do grupo Toré puxado.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A vivência na comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e na Comunidade Indígena do Povo Kanindé nos proporciona sentir de perto a interação, espiritualidade e historicidade desses povos. Esses momentos nos permitiram ver a importância da terra e a energia que ela representa para as comunidades visitadas, assim como vivenciar a rotina da comunidade, escutar as narrativas e formas de superação a todo racismo e preconceito enfrentados nas trajetórias, desde as juventudes aos mestres dos saberes mais vividos.

Observamos que, por mais que as comunidades sejam carentes de maior assistência social de ordem governamental, elas se ergueram de maneira independente e se articularam em prol de resguardar, preservar e repassar a historicidade de seu povo. Notamos que, com a organização em departamentos da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo e as movimentações do Povo Kanindé com a nova geração trazendo a musicalidade, essas duas comunidades não pararam no tempo, estão se reorganizando na sociedade, buscando superar racismo, valorizar suas culturas, saberes e ancestralidades e mostrar ao mundo o seu valor.

A vivência que vem carregada de desafios e superações ao desenrolar do “Na trilha com Neabi”, traz uma enorme bagagem de histórias e, ao nos fazer valer das novas ferramentas que estão na atualidade, tais como as mídias sociais, o projeto nos proporciona levar a história, cultura e saberes desses povos para além dos muros dessas comunidades. Além dos mais, esperamos, ao concluir este projeto, ter um produto que sirva como ferramenta para guardar as memórias desses povos, tornando-as acessíveis às futuras gerações.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOUVÊA, Fernando César Ferreira; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; SALES, Sandra Regina (ORG.). **Educação e relações étnico-raciais: entre diálogos contemporâneos e políticas públicas**. 1. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2014.

PILETE, Nelson. **Sociologia da educação**, São Paulo: Ática, 2004.

Dicionário brasileiro da língua portuguesa, EDITORA MELHORAMENTO, 2023.<
[Descolonização | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.dicionarionline.com.br/dicionario-brasiliano/Descolonizacao).

Racismo em Pauta — **Racismo estrutural mantém negros e indígenas à margem da sociedade**, fonte: Agência Senado, 2020. <

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/01/racismo-em-pauta-2014-racismo-estrutural-mantem-negros-e-indigenas-a-margem-da-sociedade?>